



FESTIVAL DE INVERNO DE OURO PRETO: INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE OUROPRETANA

Karoliny Diniz Carvalho¹
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
karol27_turismo@yahoo.com.br

Arvella Mascarenhas da Silva Reis²
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
aryellatur@hotmail.com

Janete Ruiz de Macedo³
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
janetermacedo@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo busca analisar a importância do Festival de Inverno de Ouro Preto, Minas Gerais, enquanto instrumento de valorização da cultura e reforço da memória e da identidade

¹ Mestranda em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus (BA). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Endereço eletrônico: karol27_turismo@yahoo.com.br

² Mestranda em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus (BA). Especialista em Cultura e Arte Barroca pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e Bacharel em Turismo pela mesma Universidade. Endereço eletrônico: aryellatur@hotmail.com

³ Doutora em História da Antiguidade Clássica pela Universidade de Leon (2000). Atualmente é professora plena da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus (BA). Possui graduação em Licenciatura Em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1975), graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (1981), especialização em História Moderna e Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1984). Endereço eletrônico: janetermacedo@yahoo.com.br

local. Com base na pesquisa bibliográfica e documental realizada, compreende-se que o Festival de Inverno pode se tornar elemento estratégico no processo de sensibilização da comunidade ouropretana sobre a necessidade de conservação do patrimônio cultural, além de contribuir para a dinamização do setor turístico da cidade, estimulando assim novas possibilidades de interpretação da cultura local.

Palavras-Chave: Patrimônio Cultural. Festival de Inverno. Ouro Preto

Abstract

This paper analyzes the importance of the Winter Festival of Ouro Preto, Minas Gerais, as a tool for promotion of culture and strengthening of memory and local identity. Based on the literature and documents done, it is understood that the Winter Festival can become a strategic element in the process of ouropretana community awareness about the need for conservation of cultural heritage, and contribute to boosting the tourism sector of the city, thereby stimulating new possibilities for interpretation of local culture.

Keywords: Cultural Heritage. Winter Festival. Ouro Preto

Introdução

O valor que o patrimônio adquire nas sociedades contemporâneas vem se revestindo de uma nova centralidade, posto que, construção humana, torna-se testemunho das experiências individuais e coletivas em um dado momento ou período histórico. Assim, o legado cultural herdado estabelece vínculos comunitários a um passado socialmente construído, materializando a dimensão simbólica das diversas formas de agir, sentir e viver em sociedade.

Patrimônio, memória e identidade são conceitos relevantes para aqueles que pretendem discutir um produto turístico cultural e, conseqüentemente, seus atrativos. Ouro Preto, enquanto um produto do turismo cultural, também pode ser analisado a partir do título de Patrimônio Cultural da Humanidade, conferido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 1980.

Ao entender patrimônio como resultado da ação humana e reflexo da sociedade que o produz (MARTINS, 2006), é necessário considerar a importância que a memória, enquanto criadora do sentido de pertencimento, influencia nesse processo. É apenas através da memória comum que se amalgama o processo de reconhecimento, e são forjados sentimentos de pertencimento a partir de identificação de semelhança de certo grupo ou comunidade.

O objetivo deste artigo é descrever a importância do patrimônio, do uso da memória e da construção da identidade ouropretana como influências para o turismo. A partir disso,

torna-se possível inferir como o Festival de Inverno pode se configurar como instrumento para a valorização da cultura e reforço da identidade da comunidade local.

Com base na pesquisa bibliográfica e documental, inicialmente apresentam-se algumas considerações sobre a cidade de Ouro Preto enquanto Patrimônio Cultural da Humanidade e sua relação com a atividade turística. Em seguida, analisam-se as principais características do Fórum das Artes como fator de atratividade turística e suporte de memória e identidade para a comunidade envolvida.

Posteriormente, o artigo apresenta algumas sugestões para a potencialização desse evento no âmbito do turismo cultural, de modo a garantir a sua sustentabilidade e vislumbrar sua utilização como instrumento de educação patrimonial para a comunidade ouropretana.

De Vila Rica a patrimônio mundial

As Minas Gerais cresciam e, em 1720, tornaram-se uma capitania autônoma, com a capital transferida para Vila Rica para mais tarde, em 1823, tornar-se Imperial Cidade de Ouro Preto. Em 1897, deixou de ser capital, sendo sucedida pela cidade de Belo Horizonte, criada e planejada para ser a nova capital do Estado. Sua importância foi drasticamente reduzida, passou a ser mais uma cidade colonial relegada ao abandono ou à destruição.

Com o advento da República e a preocupação de formatação da identidade nacional e a busca de signos que pudessem representar à brasilidade, a velha vila colonial volta a ser lembrada dentro desse contexto, a partir da década de 30, quando iniciou-se uma valorização das chamadas cidades históricas de Minas Gerais. Ouro Preto passou a ser valorizada por causa do seu patrimônio arquitetônico no contexto do movimento modernista, marcado pelo sentimento nacionalista, centrado na questão da identidade nacional (FONSECA, 2003).

Em 12 de julho de 1933, em forma de Decreto, por reconhecimento do patrimônio cultural e pela necessidade de conservação, o município foi considerado Monumento Nacional. Este Decreto consagrou Ouro Preto como cidade altar da formação da identidade nacional, justamente por ser o espaço palco de acontecimentos julgados referenciadores da memória nacional, centrado na figura de Tiradentes, eleito símbolo de heroísmo, paladino do sentimento de liberdade e nacionalidade (CAMARGO, 2002).

Classificada, em 1980, como Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), passou a fazer parte

de um “pretenso” acervo comum dos povos. Sobre ela foram atribuídos vários discursos que a caracterizavam como lugar da memória histórica nacional, sobrepondo memórias particulares e regionais. Essas construções discursivas sobre a cidade de Ouro Preto como marco da identidade nacional e seus atributos estilísticos e arquitetônicos iriam influenciar decisivamente as ações de preservação do patrimônio ao longo do século XX.

Ouro Preto, então, passou a ser entendida como um instrumento de pregação cívica nas escolas, um eco dos grandes feitos históricos, sendo responsável pela criação de uma identidade nacional. A cidade, como patrimônio da humanidade, foi naturalizada, em vez de ser concebida como resultante de um processo social e histórico. Conforme constata Motta (2002, p.126):

Esse padrão produzido com base em um critério estético-estilístico, de uniformidade e/ou excepcionalidade, que leva ao tratamento das cidades como obras de arte, tendo como referencial a historiografia tradicional da arquitetura, contrapõe-se a outras possibilidades de preservação ao desconsiderar as cidades como processo social e historicamente construído, como espaços que acumulam vestígios culturais no seu processo permanente de reapropriação social e como lugares que adquirem valor simbólico, referências culturais das comunidades que os habitam, independentemente das características estéticas.

Com isso, a maioria de seus moradores vê os seus bens como algo voltado para os turistas ou para um passado idealizado, não se identificam e não se reconhecem como parte dessa história. Conforme assinala López (2001) a comunidade ouropretana não se sente integrada ao patrimônio, ou estabelece algum vínculo de afetividade e apreço em relação ao conjunto tombado, o que resulta em tensões envolvendo determinados setores da sociedade e os representantes dos órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio, sobretudo no que tange à manutenção e valorização do patrimônio cultural pela comunidade.

Esse cenário também é discutido por Castriota (2009, p.151) ao assinalar que as políticas de preservação do patrimônio que se seguiram ao tombamento de Ouro Preto contribuíram para o cerceamento das memórias e das identidades locais, ao impulsionar a criação de um cenário barroco estilizado. Esse fato, segundo o autor, repercute nas propostas de desenvolvimento social e econômico e, conseqüentemente, à promoção da sustentabilidade daquele espaço urbano:

Na tentativa de se homogeneizar o conjunto urbano e adequá-lo a uma imagem idealizada, procedeu-se a um apagamento sistemático da história

local e à perda de sua memoriabilidade, pode-se notar hoje uma falta de identificação entre a população e o cenário barroco criado, que é percebido como espaço para turista. Para manter sua cultura e tradições, o habitante local desenvolve uma estratégia de ‘ensimesmamento’, fechando-se cada vez mais em seu próprio grupo.

Nota-se que a afirmação de uma cidade enquanto patrimônio resulta sempre de um processo de apropriação e seleção de determinados elementos e bens culturais, o qual não se isenta de ideologias e pré-noções (CAMARGO, 2002). O patrimônio só existe enquanto tal a partir do seu reconhecimento como representação da memória e da identidade por um determinado grupo ou segmento da sociedade.

E, enquanto símbolo, o patrimônio passa a assumir um caráter de continuidade, evocando uma leitura particularizada da identidade local, regional ou nacional. A partir da noção de patrimônio como bem coletivizado criam-se “as condições de uma memória que se vincula a certos lugares e contribui para reforçar o seu caráter sagrado” (AUGÉ, 1994, p.58).

Dessa forma, Ouro Preto é erigido à condição de monumento, de referência para a ideação e construção de uma memória nacional, homogênea e unívoca. Nesse sentido, advém a sua valorização enquanto esfera totalizadora e reveladora do passado nacional, impressa sob o signo da autenticidade de suas construções.

A cidade de Ouro Preto torna-se, então, um discurso ideológico, uma representação do nacional que foi imposta, sem considerar que

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta á dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado (NORA, 1993, p.9).

Adquirindo maior visibilidade, incorporam-se os monumentos antigos ao discurso oficial, tornando-os referências na medida em que esses passam a assumir uma dupla função: material e simbólica. Nessa perspectiva, Ouro Preto é caracterizado como lugar de memória (NORA, 1993), ao constituir-se *locus* de reminiscências das glórias de um passado que se pretende eternizado, e modelo para a preservação do patrimônio em áreas de significância cultural.

Nora (1993) discute que a legitimação de uma determinada concepção de história pelos setores dominantes prescinde da criação de espaços institucionalizados – museus, bibliotecas, arquivos- e do estabelecimento de estratégias de rememoração coletiva (datas comemorativas, festas, celebrações), por meio dos quais ocorre um processo de interiorização de determinados valores e visões de mundo, de cristalização de um passado no âmbito de uma sociedade.

Monumentalizada, Ouro Preto é apresentada como uma representação singular visando ao alcance dos propósitos do Estado após a revolução de 30, particularmente à ditadura imposta pelo Estado Novo de Vargas. Assim, “os apelos frequentes à tradição, à ordem, aos sentimentos religiosos, ao conservadorismo, são elementos manipulados politicamente” (CAMARGO, 2002, p.84).

Nessa perspectiva, a construção de Ouro Preto enquanto lugar de memória fundamentou-se no apego e na valorização dos seus traços coloniais, propagandeados enquanto signos evocadores da tradição, da afirmação da nacionalidade brasileira, testemunhos de um passado que se pretendia vivo nos atos e nas experiências cotidianas dos cidadãos: “nesse sentido, a população ouropretana não foi capaz de transcender a história da cidade e, de certa forma, permanece amarrada a um século (XVIII) para ela praticamente ilegível (intelectualmente) e simbolicamente obscuro, exatamente por não ter tido ainda uma oportunidade real para sua interpretação, compreensão e conexão com o presente” (FONSECA, 2003, P.170).

A memória, com seu caráter afetivo sempre atual e aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, entra em conflito com a história crítica, que representa o passado de Ouro Preto, uma história que foi construída de fora para dentro, ou seja, sem considerar as construções de memória da comunidade. Com isso, a cidade acaba oferecendo atrativos de forma desordenada por apresentar valores e sentidos para a comunidade local que diferem das expectativas dos turistas.

O interesse pela cultura sempre fez parte das necessidades humanas, e no contexto atual vem adquirindo relevância no campo da política e da produção econômica, sendo utilizada como recurso possível para alavancar o desenvolvimento socioeconômico em diversas regiões (YÚDICE, 2004). Nesse âmbito, evidencia-se a crescente associação entre cultura e turismo. Enquanto prática econômica e fenômeno social, o turismo apresenta múltiplas possibilidades de consumo dos lugares, variando de acordo com as preferências intrínsecas de cada grupo de visitantes e das vivências que estes elegem como prioritárias durante o seu período de lazer.

Na visão de Barretto (2001) e Beni (2002), o turismo cultural pode ser entendido como o segmento da atividade no qual o interesse pela cultura produzida pelos diferentes grupos sociais torna-se a principal motivação das viagens, ou seja, o interesse em entrar em contato com as diversas formas de representação identitária e da memória étnica de uma dada comunidade (festas e danças típicas, gastronomia, eventos populares tradicionais, rituais, celebrações, modos de vida).

Goulart e Santos (1998, p. 19) analisam o turismo cultural a partir das repercussões positivas da atividade no que tange à compreensão intercultural e das possibilidades de aprendizado mútuo que advém do processo de visitação. Para eles o turismo cultural é apreendido como “[...] um fenômeno social, produto da experiência humana, cuja prática aproxima e fortalece as relações sociais e o processo de interação entre os indivíduos e seus grupos sociais, sejam de uma mesma cultura, ou de culturas diferentes”.

No campo de abrangência do turismo cultural insere-se o turismo étnico, o gastronômico, o religioso, entre outros, além de uma diversidade de experiências passíveis de serem realizadas pelos visitantes durante a sua estadia em um dado destino. Dentre elas destacam-se a participação dos turistas em eventos, tais como os festivais; estes, de um modo geral, originam-se no interior das próprias comunidades e apresentam um conjunto de elementos que reforçam e enaltecem a memória e a identidade do lugar.

Com o maior desenvolvimento e integração das sociedades e a ampliação do conceito de patrimônio, o turismo cultural foi assumindo novos contornos, adquirindo um viés integrador, uma vez que esse segmento, ao possibilitar o contato dos visitantes com a herança cultural reelaborada no cotidiano de comunidades específicas, contribui para a difusão das culturas e para uma maior compreensão intercultural (ALFONSO, 2003).

Conforme observa Urry (1996), o olhar do turista direciona-se aos aspectos extraordinários do destino turístico, ou seja, na apreciação das singularidades ou especificidades existentes nos valores, costumes, estilos de vida e manifestações populares que as diferenciam do cotidiano dos visitantes. Em se tratando da prática turística nos espaços urbanos, a atividade contribui no processo de revalorização e potencialização do patrimônio cultural, por meio do estímulo a implantação de projetos e ações de revitalização que tencionam a sua incorporação à dinâmica contemporânea.

O turismo cultural tem propiciado, por exemplo, a reconversão do patrimônio em atrativo sob a forma de variadas estratégias de visibilidade e multifuncionalidade do acervo

arquitetônico dos centros históricos. Paralelamente, o turismo é identificado como suscitador do sentimento de pertença da comunidade em relação aos bens culturais, estimulando a conservação da memória e da identidade cultural (BARRETTO, 2001). Entretanto, observa-se a necessidade de um planejamento equilibrado da oferta cultural, no sentido de atender às expectativas da população local, e possibilitar a validação da experiência turística no destino.

Dessa forma, em nível nacional e internacional, emergem exemplos de cidades e regiões que sofreram um processo de regeneração urbana em virtude do estabelecimento de políticas culturais. Estas, ao dinamizar as atividades de lazer e entretenimento, com a multiplicação de festivais, roteiros e atrações, vislumbram oportunidades de desenvolvimento econômico por intermédio da inserção desses lugares no mercado de consumo turístico (KÖHLER; DURAND, 2007).

López (2001) ao discutir o significado do patrimônio ouropretano para os moradores considera que este, embora agenciado pela atividade turística, não repercute como elemento de afetividade para a população local, evidenciando assim, os conflitos na dialética entre memória histórica e as memórias subterrâneas. Constatou-se que a maior parte das intervenções patrimoniais e dos projetos de desenvolvimento turístico desconsidera as memórias locais na revitalização urbana ou na formatação da oferta turística, ressaltando os componentes econômicos, e inviabilizando, dessa forma, a participação da comunidade no processo de gerenciamento dos bens culturais revitalizados: “Dessa forma, como símbolo, o patrimônio permite várias leituras de seu significado: para o poder oficial, representa a história e a memória da nação [...] acrescentando-lhe o valor de capital [...] e, para os moradores, significa uma memória construída para ser agenciada para o turismo – eles reconhecem a prática preservacionista, mas não se julgam alvo dela” (LÓPES, 2001, p.80).

Por isso, a necessidade de se planejar o turismo e, especificamente, o turismo cultural de maneira que essa discrepância de valores não interfira na rotina dos moradores e que tragam experiências significativas para os turistas. Turistas que segundo Martins (2006) buscam, nos lugares, um conjunto de significados, símbolos que a comunidade local imprimiu neles.

Destaca-se ainda a dimensão imaterial do acervo arquitetônico- festas, danças, espetáculos teatrais, shows, performances artísticas, e demais elementos da produção cultural - que pode potencializar as cidades históricas enquanto espaços de lazer e entretenimento para um público diferenciado, além de se constituírem suportes de educação patrimonial e de valorização da cultura. Na visão de Neto (2001, p. 53) os eventos

São atividades de entretenimento, com grande valor social, cultural e, sobretudo, histórico. Suas atividades constituem um verdadeiro mix de marketing, entretenimento, lazer artes e negócios. Tal a sua importância no contexto social, cultural econômico e político da cidade e região e, em alguns casos até mesmo do país, podemos denominá-los de agentes do patrimônio histórico-cultural

Além de possibilitar momentos de integração comunitária e de compartilhamento de experiências, os eventos possuem uma nítida associação com o turismo, ao significarem formas distintas de expressão da diversidade cultural, contribuindo para a captação de fluxos de visitantes, e de incremento das opções de visitação turística num determinado período ou época do ano.

Sánchez e García (2003, p.101) ressaltam a importância de diversificação da oferta de atrativos de uma localidade, no sentido de possibilitar a vivência, por parte dos turistas, dos elementos constitutivos do patrimônio local. Destaca-se assim, o potencial dos eventos culturais na promoção dos destinos e no aumento de sua competitividade no mercado, uma vez que estes contribuem para a redução da sazonalidade e para o enriquecimento da experiência dos turistas.

Considerando que o turismo cultural pressupõe o envolvimento dos turistas nos espaços de produção material e simbólica das comunidades, bem como a compreensão dos significados e da dinâmica da cultura visitada, o turismo de festival é aqui entendido como desdobramento do turismo cultural, adquirindo caráter de complementaridade em relação ao produto principal oferecido:

Es precisamente esa gran diversidad temática de los festivales la que debe contribuir a la creación de productos vinculados a distintos segmentos de públicos con los cuales mejorar la competitividad de un destino turístico. Así pues, la celebración de este tipo de eventos culturales puede ser el factor determinante en la elección de dicho destino, ya que, bien por el atractivo del festival en sí mismo, bien por el hecho de servir de complemento a La oferta genérica del destino turístico considerado, se estará en condiciones de dar satisfacción a las expectativas de unos turistas, que cada vez se muestran más exigentes, que están mejor informados y que son conocedores de las diferentes posibilidades que les presentan destinos turísticos alternativos.

Seguindo essa perspectiva, Hughes (2004) considera relevante a associação entre turismo, artes e entretenimento, e nesse sentido, a formatação ou revitalização de eventos

incide-se diretamente na qualidade da visitação turística, tornando-se ainda suporte de educação patrimonial para os membros da comunidade.

Com isso, ao organizar eventos que agregam valor ao turismo cultural ouropretano, como a realização do Festival de Inverno, é necessário pensá-lo de maneira que a comunidade esteja envolvida em seu processo de organização e execução, no sentido de colocar em cena valores, projetos, e a arte da população local, fazendo com que este tipo de evento contribua com a valorização da cultura e afirmação de sua identidade.

A comunidade local enquanto agente produtora do patrimônio deve ser conscientizada sobre a importância dos bens culturais como suportes de memória, de continuidade de práticas sociais específicas, e enquanto fatores de desenvolvimento econômico. A redescoberta ou revalorização das cidades históricas por intermédio da realização de festas, eventos e celebrações, e demais ações de educação patrimonial, além de se constituírem elementos de atração turística, contribuem para inserção do patrimônio à vida contemporânea, permitindo a sua integração e vinculação afetiva com os membros da comunidade local (CAMARGO, 2002; SIMÃO, 2006).

Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana- Fórum das Artes

Ouro Preto configura-se como uma cidade com vocação para o turismo cultural que oferece como um de seus atrativos o Festival de Inverno, um dos principais eventos do seu calendário. Esse festival ocorre durante praticamente todo o mês de julho. Por ter como característica a promoção da arte e cultura a partir de oficinas, exposições, *shows* musicais, palestras e espetáculos teatrais, com o passar dos anos, a cidade passou a ocupar um lugar de destaque no cenário dos festivais, atraindo “um grande número de estudantes, intelectuais e artistas do Brasil e do exterior, dando visibilidade e prestígio à cidade” (CASTRIOTA, 2009 p.147).

A primeira edição desse festival ocorreu em julho de 1967, sendo uma iniciativa de um grupo de professores da escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que buscava como proposta fundamental ser um espaço de iniciação, aprofundamento, experimentação e pesquisa de novas linguagens artísticas. O festival teve uma segunda e consolidada edição em 1968 e neste e nos anos seguintes aquele era um espaço

para debates e reflexões que englobavam questões políticas nacionais e internacionais (FESTIVAL, 2009).

No entanto, por alguns anos, por falta de estrutura ou por falta de apoio político o festival não foi realizado na cidade, ou quando realizado teve sua importância reduzida. Essa desvalorização do festival, enquanto espaço de promoção e popularização da arte se deu, principalmente, pelo pouco comprometimento do poder público municipal em manter a qualidade das atividades e atrações que compunham tal evento. Com isso, o festival passou a não atingir mais seu objetivo de proporcionar a comunidade acesso a arte de qualidade e, conseqüentemente, passou também a não se destacar no cenário de festivais.

Entretanto o festival já era uma realidade e um elemento marcante na comunidade eclodindo em três iniciativas diferenciadas: Festival de Inverno da Prefeitura de Ouro Preto, Festival de Inverno do Centro Universitário Belo Horizonte (Uni-BH) e, em 2004, a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), percebendo a deficiência que atingia esse evento tradicional da cidade, lançou o Fórum das Artes, evento paralelo ao festival que tinha como objetivo consolidar a região como espaço propício ao estudo das artes e à exploração e desenvolvimento de novas tendências e linguagens artísticas que contribuíssem para a discussão sobre o patrimônio cultural nas cidades (FESTIVAL, 2009).

O Festival de Inverno - Fórum das Artes ressurgiu como um projeto de extensão universitária e se consolidou com uma proposta diferenciada de refletir sobre arte e cultura, articulando preservação e invenção. Em 2005, o evento passou a denominar-se Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana – Fórum das Artes, com a participação das Prefeituras Municipais e teve como tema “A Estrada Real”.

Com isso, as prefeituras em parceria com a universidade visavam recuperar o clima dos antigos festivais de inverno, principalmente os da década de 70, que traziam artistas de todo o mundo para Ouro Preto. A cada ano, os objetivos se transformam de maneira a atender as necessidades onde o evento ocorre e uma dessas mudanças é a inserção do desenvolvimento turístico como meta.

Em 2009, a parceria entre prefeitura e universidade completou cinco anos e, nesse tempo, Ouro Preto voltou a oferecer um evento com atividades artísticas e culturais de qualidade. Com isso, o fluxo e a permanência de turistas na cidade aumentaram e ela voltou a ter uma rotina diferenciada no mês de julho. Em sua nova formatação, sob a supervisão da UFOP, o evento divide-se basicamente em duas modalidades, são elas: atividades formativas

(as oficinas e cursos) e eventos (apresentações de artes cênicas, música, exposições, lançamentos de livros e CDs), congregando diversas categorias alinhadas a um tema, normalmente, um personagem que faz parte no imaginário popular das cidades.

Dentre os objetivos atuais do festival estão: possibilitar o intercâmbio de conhecimentos e propostas entre artistas de todas as partes do mundo, criar alternativas para a conciliação entre o crescimento, a preservação e a conservação das cidades de Ouro Preto e Mariana. O evento pretende assim, revelar aspectos e problemas relacionados às cidades históricas brasileiras e apontar alternativas de preservação para essas cidades, em especial, Ouro Preto e Mariana, através do estímulo ao turismo sustentável, fomentando a arte e a cultura e contando com uma efetiva participação da comunidade.

Observa-se que na concepção do Fórum das Artes insere-se um viés turístico, na medida em que desperta o interesse e a participação de uma platéia de visitantes oriunda de outras localidades. Na visão de Hughes (2004, p.97):

Nem todos os festivais têm dimensão turística; alguns deles têm a intenção de preservar um foco mais voltado à comunidade. Contudo, atrair turistas é um aspecto que tem sido considerado em muitos festivais, mesmo que não seja seu propósito inicial. Por sua natureza, os festivais de artes têm curta duração; são eventos “especiais” que oferecem oportunidades únicas de ver e ouvir *performances*, atividades e artistas sob circunstâncias excepcionais.

Nota-se que o festival apresenta possibilidades de se converter em um importante instrumento de educação patrimonial para a comunidade, uma vez que agrega uma série de atividades sócio-educativas e integradoras, as quais estimulam a valorização dos elementos da cultura local. Propicia ainda maior visibilidade aos artistas locais, e a dinamização dos setores produtivos da cultura, gerando benefícios sociais e econômicos e estimulando a preservação do patrimônio local em suas várias dimensões.

Dentre os benefícios proporcionáveis pela promoção e realização de eventos culturais, destacam-se melhorias na infra-estrutura de equipamentos e serviços, a regeneração urbana, dinamização econômica e o estímulo à busca pela valorização dos aspectos culturais de uma região. Hughes (2004, p.96), elenca alguns objetivos que pode estar presentes no âmbito dos festivais, notadamente no que se refere à inserção da comunidade e sua interação com a atividade turística:

- Criar oportunidades para que os residentes locais assistam a eventos artísticos, o que, de outra maneira não seria possível;

- Melhorar o acesso às artes;
- Encorajar a união da comunidade por meio da participação;
- Fomentar o espírito de comunidade e o fator de “sentir-se bem”;
- Desenvolver o orgulho dos residentes em relação à cidade;
- Ampliar a divulgação da cidade;
- Melhorar sua imagem externa.

Esses elementos podem se observados na cidade de Ouro Preto, onde o festival de Inverno adquire representatividade no âmbito da comunidade local. O formato e a organização atual do evento permitem o envolvimento da população durante as fases preparatórias do Fórum das Artes, além de se evidenciar uma ascendente participação dos residentes nas atividades desenvolvidas, enquanto protagonista ou espectadora das oficinas, performances e apresentações artísticas.

O festival de Inverno de Ouro Preto tem contribuído para que a comunidade perceba a importância das estruturas urbanas na formação histórica da cidade, permitindo ainda a revitalização dos marcos urbanos e simbólicos da cultura local. As diferentes manifestações culturais revigoram memórias específicas em oposição à memória e ao discurso oficial que estão presentes no processo de eleição de Ouro Preto enquanto Patrimônio Cultural da Humanidade.

Ressalta-se ainda o interesse dos agentes locais, direta ou indiretamente envolvidos, em conhecer aspectos da realidade cultural e artística do lugar, contribuindo para atribuição de um valor social ao patrimônio, como elemento formador da identidade e vetor de desenvolvimento local, o qual pode vir a ser dinamizado por meio do turismo cultural.

A inserção sistemática do Festival de Inverno no âmbito do turismo cultural, além de agregar valor à oferta turística de Ouro Preto, possibilitará maior interação entre os visitantes e a população local; a dimensão multicultural do evento agregará valor à oferta turística do destino, dada a multiplicidade de experiências que os turistas e visitantes poderão desenvolver durante a sua permanência na cidade.

No turismo cultural, a busca pela novidade, autenticidade e qualidade das atrações tornam-se um importante diferencial na qualidade da experiência turística, uma vez que os visitantes, de um modo geral, possuem a tendência a adentrar o universo simbólico da comunidade visitada, tornando-se protagonistas da experiência turística.

O planejamento e a operacionalização de eventos memoráveis contribuem para a emergência de produtos em elevado nível de competitividade no mercado, propiciando aos turistas o consumo de experiências diferenciadoras gerando, assim, a percepção da comunidade sobre a importância da atividade turística como fator de enriquecimento de culturas distintas. Ressalta-se, portanto, o potencial educativo e formativo do evento, o qual se adequa às expectativas dos turistas ditos culturais: “A essência do turismo cultural está em envolver o visitante em um novo universo de experiências, com visitas apoiadas por atividades práticas, como música e culinária [...] A comunidade terá que reter grande parte dessa experiência do lugar em sua própria cultura, de forma a garantir que a visita se amplie do monumento para o que existe em volta dele” (GOODEY, 2002, p.137).

O Festival de Inverno - Fórum das Artes articula emotividade e interação entre as atividades desenvolvidas e o público participante, estimulando, assim, a permanência dos visitantes no período, a apreciação dos elementos artísticos, literários, a musicalidade presentes em Ouro Preto, além de permitir maior intercâmbio e aprendizagem intercultural.

No âmbito do patrimônio histórico e arquitetônico, a promoção de festivais, festas e eventos populares enaltecem a relação entre a comunidade e os bens culturais, revitalizando-os e atraindo visitantes interessados em compreender os processos sociais e culturais que elevaram Ouro Preto à categoria de Patrimônio da Humanidade, associados aos aspectos da produção cultural contemporânea, tradicional ou emergente, no qual se insere o Fórum das Artes.

Esse acontecimento programado contribui para a disseminação de uma imagem positiva do destino no mercado, além de se constituir num importante diferencial no turismo dessa cidade, com a diversificação e tematização da oferta turística local, baseada nas expressões culturais e na dinâmica própria da cultura local, preservando assim, o patrimônio edificado e o intangível:

[...] as oportunidades que presentan los festivales, como nueva oferta turístico-cultural especializada, son importantes pues se trata de acontecimientos periódicos de alto nivel cultural y artístico, muchas veces en entornos patrimoniales de interés turístico, con una diversidad tal que les convierte en un producto de gran interés para un público muy diferente (SANCHÉZ; GARCÍA, 2003, p.101).

Vale ressaltar que a formatação de produtos turísticos pressupõe a articulação institucional e a gestão compartilhada em todas as etapas do processo, nesses casos, a consolidação das parcerias no âmbito do Fórum das Artes tende a garantir a exequibilidade e a sustentabilidade técnico-financeira da proposta, mantendo e elevando os benefícios decorrentes do aproveitamento turístico para todos os atores envolvidos direta ou indiretamente no Festival, “[...] é fundamental que os investimentos sejam adequados à vocação do lugar, possibilitando à população participar e usufruir de seus resultados [...]” (MURTA, 2002, p. 10).

Diante das características apresentadas, o Festival de Inverno concorre para a formatação de um produto temático diferenciado para Ouro Preto, sendo capaz de agregar diretrizes fundamentais para o desenvolvimento do turismo cultural em bases sustentáveis.

No entanto, para desenvolver o chamado turismo cultural com características de sustentabilidade, principalmente no tocante as relações identitárias da comunidade local, faz-se necessário uma participação mais efetiva do poder público, do setor privado e da comunidade local, no sentido de compreender seus anseios e expectativas sobre eventos e manifestações culturais que fazem parte de sua rotina e tradições.

Ao organizar eventos que agregam valor ao turismo cultural ouropretano, como a realização do Festival de Inverno, é necessário pensá-lo de maneira que a comunidade esteja envolvida em seu processo de organização e execução, no sentido de colocar em cena valores, projetos e a arte da população local. Já que, em alguns casos, “a superficialidade da fruição impede que o turismo construa algo que é fundamental para a sustentabilidade da atividade e do atrativo que se constrói: a dignificação da existência cotidiana que dá substrato ao atrativo” (MENESES, 2004, p. 22).

Nesse sentido, Lucas (2000), referenciando o “National Trust for Historic Preservation”, apresenta os seguintes princípios do turismo cultural:

- a) Autenticidade e qualidade: contar a verdadeira história do lugar; a história distingue um lugar do outro; agrega valor e qualidade ao produto cultural, tornando-o mais atraente ao turista cultural; os profissionais envolvidos devem conhecer bem as características culturais e patrimoniais e as especificidades locais, para entender a demanda segmentada; os visitantes têm interesse de descobrir a trama humana e social que permeia a história

local e não apenas nomes e datas; interpretações inteligentes e verdadeiras são fundamentais;

- b) Encontrar o equilíbrio entre a comunidade e o turismo cultural: as circunstâncias locais determinam o que pode ser feito em turismo cultural; os programas elaborados devem considerar os recursos e características que os autóctones dispõem e desejam com partilhar. Existência de produtos formatados e temáticos;
- c) Visão comunitária: definir a identidade da comunidade, “o jeito de ser” característico da localidade, como parte de seu patrimônio, bem como de seu estilo de vida; elaborar descrição da comunidade (a história das contribuições genuínas das gerações passadas e presentes desperta o interesse das pessoas.

O aproveitamento do patrimônio cultural pela atividade turística deve considerar os elementos definidores da cultura sob o olhar da comunidade, incrementando a oferta local com roteiros, serviços e produtos que enalteçam a vivência dos turistas no destino, além de enfatizar o protagonismo da comunidade em áreas de interesse turístico. Assim, o turismo é entendido como instrumento de reforço das identidades e de articulação das culturas locais, a medida que estimula a participação da comunidade no processo de planejamento e gestão da oferta turística.

Nesse contexto, destaca-se a importância da implantação dessa iniciativa capaz de promover a diversidade cultural de Ouro Preto, na perspectiva de oportunizar um espaço para valorização e apreciação dos artistas locais bem como as diversas manifestações culturais da cidade. O projeto integra um conjunto de ações de interpretação do patrimônio, tanto para a comunidade, quanto para grupos de visitantes.

Considerações Finais

A memória e identidade são fatores que influenciam diretamente na qualidade e desenvolvimento do turismo cultural. No entanto, o que se vê em Ouro Preto é uma construção de uma memória coletiva que é marcada por um vazio no sentido das lembranças. Uma memória coletiva construída a partir de um discurso ideológico, de criação de uma identidade nacional, que não foi ao longo do tempo trabalhada na comunidade local e cujos os marcos não são significantes.

Dessa forma, ressalta-se a importância da promoção de atividades capazes de integrar a comunidade local em relação aos bens culturais, proporcionando novos sentidos e significados ao acervo arquitetônico e, sobretudo, estimulando a preservação e conservação do patrimônio local. Eventos educativos ou de promoção turística tornam-se geradores de sentimento de afetividade e de pertença da população, revitalizando marcos urbanos da cidade e gerando importantes benefícios sociais e econômicos.

Nesse contexto, o Festival de Inverno pode se configurar como instrumento de valorização e afirmação de uma cultura que realmente caracterize a identidade ouropretana, que leve os moradores a valorizar e ressignificar seu passado. Mas para tanto, é importante que haja uma verdadeira inserção da comunidade em todo o processo de produção e execução do evento. Oficinas, espetáculos e exposições devem continuar a valorizar a arte, as histórias e a cultura local, de maneira que a comunidade se aproprie do evento, como uma de suas tradições.

Referências

ALFONSO, M. J. P.. *El Patrimonio Cultural como Opción Turística*. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 97-115, outubro de 2003.

AUGÉ, M. *Não-lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BARRETTO, M. *Turismo e legado cultural*. As possibilidades de planejamento. São Paulo: Papirus, 2000.

BENI, M.C. *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: Roca, 2002.

CAMARGO, H.L. *Patrimônio histórico e cultural*. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC do Turismo).

CASTRIOTA, L. B. *Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo; Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

FESTIVAL DE INVERNO DE OURO PRETO E MARIANA – FÓRUM DAS ARTES. *O festival ontem e hoje*. Disponível em:

< <http://www.festivaldeinverno.ufop.br/2008/home.php?idp=ofestival>>. Acesso em: 3 de maio de 2009.

FONSECA, M. M. *Turismo histórico-cultural em Ouro Preto: sentidos simbólicos e configuração de identidades no século XX*. In: Miguel Bahl. (Org.). *Turismo: enfoques teóricos e práticos*. São Paulo: Roca, 2003, p. 157-177.

GOODEY, B. *Turismo Cultural: novos viajantes, novas descobertas*. In: MURTA, S.M; ALBANO, C. (orgs). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo horizonte: Ed UFMG; Território Brasilis, 2002.

GOULART, M.; SANTOS, R. I. C. dos. *Uma abordagem histórico-cultural do turismo*. *Turismo - Visão e Ação*, v. 1, n. 1, p. 19-28, jan./jun. 1998.

HUGHES, H. *Artes, entretenimento e turismo*. São Paulo: Roca, 2004.

KÖHLER, A. F; DURAND, J. C. G. *Turismo cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências*. *Turismo. Visão e Ação* (Itajaí), v. 9, p. 185-198, 2007.

LÓPEZ, T. Rotas Nacionais: fragmentando os roteiros turísticos sobre Ouro Preto. In: BANDUCCI JR; BARRETTO, M. *Turismo e Identidade local: uma visão antropológica*. São Paulo: Papirus, 2001.

LUCAS, S. M. Turismo Cultural no Vale do Paraíba. Uma exposição histórica. In: *Anais do II Congresso Brasileiro de Turismo Rural*. Piracicaba, 2000.

MARTINS, C. Patrimônio cultural e identidade: significado e sentido do lugar turístico. In: MARTINS, C. *Patrimônio cultural: da memória ao sentido de lugar*. Roca: São Paulo, 2006, p. 39 a 50.

MENESES, J. N. C. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOTTA, L. As cidades mineiras e o IPHAN. In: OLIVEIRA, M.L (org). *Cidades: história e desafios*. Rio de Janeiro: Ed Fundação Getúlio Vargas, 2002.

MURTA, S.M.; ALBANO, C. (orgs). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo horizonte: Ed UFMG; território Brasilis, 2002.

NETO, F.de P. Evento: de ação, de entretenimento a agente de promoção do patrimônio histórico-cultural IN: FUNARY, P. P.; PINSKY, J. (orgs). *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Contexto, 2001.

NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: *Revista Estudo Históricos*. São Paulo, v.10. Dez de 1993

SANCHÉZ, A.G; GARCÍA, F.J. El turismo cultural y de sol y playa: ¿Sustitutivos o complementarios? In: UNIVERSIDAD POLITÉCNICA DE CARTAGENA. *Cuadernos de Turismo*: 2003, 11; pp. 97-105.

SIMÃO, M. C. *Preservação do patrimônio cultural em cidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

URRY, J. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: EDUSC, 1996.

YÚDICE, G. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

Recebido em 31.01.2010. Aprovado em 15.04.2010.